



Alexandre Costa Lima*

O ESTADO ISLÂMICO: UMA IDEIA INCOMPREENSÍVEL?

“**N**ão entendemos esse movimento e, enquanto não o entendermos, não poderemos derrotá-lo. Nós nem mesmo entendemos a ideia”. Essa frase do general Michael Nagata, chefe do Comando Especial do Estado-Maior Conjunto dos Estados Unidos, no fim de dezembro de 2014, revela as dificuldades da maior potência militar para combater adequadamente o chamado Estado Islâmico do Iraque e do Levante (ou ISIS, Islamic State of Iraq and Sham, o nome reconhecido internacionalmente).

Fundado em abril de 2006, no Iraque, por Abu Mus’ Ab al-Zarqawi (morto dois meses mais tarde em um ataque aéreo dos Estados Unidos), o ISIS era visto apenas como um braço da al-Qaeda e só chamou a atenção de todos a partir de abril de 2013, quando anunciou sua expansão conquistando a parte sunita da Síria e proclamando-se o Califado, um império islâmico global.

Enquanto a al-Qaeda deseja destruir o Grande Satã (os Estados Unidos e o capitalismo global), o ISIS pretende dominar a região e chegar a conquistar o mundo. Comparado com os Estados ocidentais modernos e, especialmente com o modelo liberal democrático, o ISIS é uma organização política inédita que desmente as expectativas da progressiva secularização da sociedade, como argumenta a filosofia política moderna.

Para o filósofo alemão Hans Blumenberg, a secularização seria um processo de longo prazo no qual o desaparecimento de laços religiosos, atitudes em relação à transcendência, expectativas pós-morte, rituais e discursos voltados à religião deixariam a esfera pública para concentrar-se na esfera privada. Com o ISIS, nada disso acontece: ele é declaradamente não democrático, não



Fotos: UNRWA

liberal, não nacionalista (a cidadania é o Islã), não laico, não obedece a qualquer critério de territorialidade e recorre à ultraviolência. As teses de Montesquieu não se aplicam ao ISIS!

Após todos os movimentos de conquista territorial, o ISIS ocupa, hoje, uma área equivalente à da Bélgica, tomando nacos de terra do Iraque e da Síria. Como eles controlam tudo isso? Apagaram a fronteira Síria/Iraque e fizeram uma divisão administrativa em wilayats, espécie de províncias com governadores. Além disso, possuem um gabinete com dez ministros e conselhos diversos. Esses funcionários cuidam da saúde, transportes e educação porque se apossaram das estruturas pré-existentes. Também implementaram tribunais da sharia, o direito muçulmano. Assim, o ISIS imita o funcionamento de uma moderna burocracia. Além disso, adotam uma política de rápida substituição desses funcionários, caso sejam mortos.

Os especialistas dizem que este é o grupo terrorista melhor financiado até agora: ao controlar algumas

refinarias iraquianas, eles vendem o petróleo no mercado negro, praticam a extorsão e cobram variados impostos nos territórios ocupados. Dizem que já possuem reservas de dois bilhões de dólares e ameaçam comprar uma bomba atômica no mercado de armas.

A sua ideologia tem dois níveis: por um lado, o jihad-salafismo, uma escola de pensamento político ao qual o grupo pertence e, por outro, a orientação linha-dura de ultraviolência, que é o que (pasmem!) supostamente separa o ISIS da al-Qaeda. Essa ideologia teve início com a Irmandade Muçulmana, fundada no Egito em 1928 por Hasan al-Banna e inspira-se em Sayyid Qutb, ideólogo egípcio daquela época que pregava uma versão revolucionária da Irmandade.

O ISIS crê que o Califado restaurado é o sistema ideal de governo do mundo islâmico. O salafismo seria, então, um movimento teológico preocupado em purificar a fé, eliminar a idolatria e afirmar a unidade de Deus. Os salafistas se consideram os verdadeiros intérpretes do Alcorão e condenam aqueles que defendem as democracias por admitirem “parceiros” na produção da legislação, uma prerrogativa do Legislador Divino. O ISIS não reconhece qualquer fronteira nem qualquer cidadania fora do islamismo.

Trata-se de um absolutismo teológico, um messianismo que faz referência a algo completamente desconhecido – o futuro império global islâmico – como uma felicidade religiosa ainda por vir. Os absolutismos aspiram à ausência de conflito e à desaparecimento dos inimigos, matando-os ou tornando-os invisíveis. Os sujeitos tornam-se coisas sem valor. A democracia, como o seu oposto, seria a interminável luta para tornar todos visíveis e escutar mesmo as mais insignificantes opiniões.

O salafismo-jihad demanda de cada fiel um bay’a, o juramento de fidelidade e de aceitação do contrato tradicional de mando do direito islâmico, celebrado entre comandante e comandado. Existem dois tipos de bay’a: o “restrito”, dado ao chefe de um grupo militante como era o caso de al-Zarqawi - líder da al-Qaeda no Iraque - e cujos termos são limitados, obrigando à obediência apenas em termos de jihad e o “irrestrito”, dado ao chefe da comunidade política e cujos termos são ilimitados, obrigando à obediência em todos os aspectos. O juramento no ISIS sempre é irrestrito e todos devem obediência total a Abu Umar al-Baghdadi, “Comandante dos Fiéis”

e suposto Califa (os líderes da al-Qaeda discordam disso e em 2013 romperam oficialmente com o ISIS, propondo um contra-califa).

“Os absolutismos aspiram à ausência de conflito e à desaparecimento dos inimigos, matando-os ou tornando-os invisíveis. Os sujeitos tornam-se coisas sem valor”

Especialistas em segurança afirmam que mais de vinte mil estrangeiros de 90 países juntaram-se ao ISIS (só da França saíram mil e duzentos). O ISIS usa a dark web para recrutar jovens pelo Tweeker e divulgar vídeos de nível profissional sobre sua ideologia, além de postar cenas inauditas de barbárie. Os jovens recrutados creem fazer a coisa certa, ainda que perigosa.

Existe algo de romântico nessa crença de lutar pelo dever e pela honra muçulmana em terras distantes, algo como um cruzado fazendo o caminho inverso. A falência das democracias representativas liberais, substituídas pelo indiferente neoliberalismo atual, aumentou a discriminação contra os filhos dos imigrantes pela Europa e, na América do Norte, o capitalismo financeiro-consumista lançou muita gente na pobreza sem perspectivas. Embora seja um caminho sem volta, para alguns jovens, alistar-se no ISIS é uma promessa de destruir o status quo indesejado.

O ISIS deseja incorporar o Líbano e posteriormente atacar a Turquia (caso a Turquia fosse parte da União Europeia, o ISIS estaria simbolicamente às portas da Europa). A ultraviolência do ISIS produziu milhares de refugiados na região e milhares de assassinatos. A existência dos estados artificiais do Oriente Médio, criados pelos ingleses e franceses colonialistas ao fim da Primeira Guerra, está ameaçada pela ideologia do islamismo extraterritorial do ISIS. Ao contrário do que afirmavam as teses da secularização no Iluminismo, as religiões e o fanatismo voltam a dominar a política, com consequências imprevisíveis. ■

* Doutorando em Filosofia pela Universidade de Buenos Aires (Argentina). Mestre em Filosofia, pela Universidade de Sussex (Inglaterra) e também pela Universidade Federal de Pernambuco. Professor da Faculdade Ascés.